

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA: VEREDAS SINUOSAS DE INTERSECÇÃO

Rosely Diniz da Silva Machado (FURG)

Falar em memória discursiva e interdiscurso parece não suscitar polêmica, inclusive, porque em muitos trabalhos de Análise de Discurso (AD) ambas apresentam-se como sinônimos. Mas o que de fato poderia causar alguma inquietude sobre isso? Em se tratando de noções abstratas, haveria um limiar que nos fizesse sentir *seguros*, principalmente, ao trabalhar tais conceitos teóricos na perspectiva discursiva? Se estamos diante de questões “evidentes”, só o fato de contemplá-las neste evento já provoca em nós, sujeitos autores/leitores, no mínimo, efeitos de sentido que certamente merecem ser considerados, a partir das especificidades que tais conceitos apresentam. Sobre a memória, Pêcheux (In.: ACHARD, P. et al. Papel da memória: 1999) diz que a mesma deve ser entendida não no sentido psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, social inscrita em práticas(...). A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos”, quer dizer, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (p.51-52). Podemos, assim, compreender a memória discursiva como o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer, já que se trata de uma memória concebida como um espaço móvel de disjunções, deslocamentos, retomadas, conflitos de regularização, enfim, um espaço polêmico, esburacado, contudo, produzindo/comportando o jogo de efeitos de regularidade. Diz Orlandi (Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos: 2001) que, na apreensão da leitura, o primeiro gesto de interpretação do analista é reconhecer a paráfrase, e aí se inicia o jogo com a alteridade; resultante disso tem-se a apreensão da metáfora, através da qual é possível observar os deslizamentos, a deriva, tornando, portanto, visível o trabalho da ideologia. Sendo assim, relacionamo-nos com a exterioridade, segundo Orlandi, “Junto ao jogo da relação com a exterioridade - pensando-se a exterioridade como constitutiva, isto é, **como memória, como interdiscurso** - temos as condições de produção imediatas (circunstância de enunciação) e o contexto sócio-histórico. Como o **interdiscurso- a memória afetada pelo esquecimento-** é irrepresentável, mas está presente na textualização do discurso, na materialidade textual, nos vestígios deixados pelos

gestos de interpretação de seu autor, a escrita do analista tem de lidar com isso, sem apagar.” (p.51-52) (grifos meus). Desse modo, podemos dizer que, no processo de configuração (e legitimação) de uma forma de ser sujeito do dizer, há recorrências discursivas e há necessariamente a resistência a elas. Aqui, a partir do tema proposto, interessa-nos, pois, enquanto sujeitos autores/leitores, analistas de discurso, buscar compreender, refletir questões importantes para o campo teórico da AD, sobretudo, pelo fato de que em toda relação com os sentidos ficam vestígios passíveis de serem mobilizados. Nesse movimento, sob o efeito ideológico, sujeito e sentido vão se constituindo na trama indelével do discurso. Eis o mote desta discussão que pretendo propor, a partir de um lugar de interpretação, cujo movimento nos convida a pensar em memória discursiva, relacionando-a ao conceito de interdiscurso e demais noções discursivas.